

Director, editor e proprietário  
**Antonio Dias Pinto de Castro**  
—  
Redacção e Administração:  
Rua da Rainha, 56-A  
Telef. 4515

# Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão  
**TIP. IDEAL**  
Telef. 4581  
—  
VISADO PELA CENSURA  
— AVENÇA —



... E naquele dia, já lá vão quase dois mil anos, Jesus, o Redentor, anunciado pelos Profetas e seguido pelas multidões humildes, e que veio ao Mundo para pregar a sublime doutrina do Amor e da Justiça, perseguido pelos grandes da época, escarnecido e atrelado por alguns, morria serenamente no alto de uma Cruz para salvar, com tão nobre exemplo, a Humanidade.  
Rolaram os tempos e tantos anos após, ainda os homens parecem esquecer que Ele ensinou que se amassem uns aos outros...

## Carta atrasada

Por AURORA JARDIM

O Compasso,  
Sinetas a tilintar.  
Jesus Crucificado.  
Flores no chão.  
Manhã de sol.

Sobre a mesa  
o pão-de-ló  
e a garrafa do Porto.  
Em toda a casa:  
ela só.  
Houve tempo,  
já distante,  
em que a família  
era grande  
e ruidosa:  
marido, filhos,  
tias, sobrinhos  
e primalhada  
numerosa.

Hoje, todos  
em tórumo  
e em saudade  
no seu coração.  
Velhinha e triste  
ela só  
na sua desolação.

— Ti'Anica  
olhe o que trago:  
uma carta  
do Brasil!  
— Do meu filho,  
Deus do Céu?  
Cumpru-se  
o meu desejo!  
Quem ma lê  
que eu nada vejo.

Viera por mar  
a carta, sempre esperada,  
e só agora chegada  
no bendito dia  
desta Páscoa do Senhor.

De modo  
que, ao entrar,  
o bom abade,  
na casinha pobre,  
mais alguém  
entrou também:  
Ademar  
o filho  
da ti'Anica.

Alegria terna,  
abraço comovente  
em laço de fundo amor.  
— Filho, meu filho!...  
Páscoa de Nosso Senhor.

O Compasso,  
Sinetas a tilintar.  
Jesus Crucificado.  
Flores no chão.  
Manhã de Sol.

## O VELHO SOLITÁRIO

Zita de Portugal.

Devia de ter trilhado os caminhos tortuosos da vida.  
Era um homem de fisionomia estranha. Rosto comprido, queimado e macilento, olhos encovados e profundos, que se desviavam sempre de nós, como quem não pode olhar a direito encarando os homens e as coisas com a serenidade e desassombro das almas sãs, ou como quem receia que desçam ao mais fundo do seu ser e lhe penetrem os pensamentos. Quando não o fitavam, seus olhos tinham expressões estranhas de animal acossado, ardentes, por vezes, como se andassem minados pela febre, ou um desassossego interior. Nariz comprido, aquilino, de forma correcta, que, no entanto, devido à excessiva magreza, lhe dava ao perfil flagrante aparência com o de uma ave de rapina. Boca larga, onde os dentes rareavam, apinhada num rictos que não se sabia dizer se era a tentativa de um sorriso se um esgar de tédio ou de desânimo.  
Era alto, muito alto, e o seu busto curvado demonstrava um alquebramento profundo. Apegava-se a um bordão que nem era cajado nem bengala, e que decerto ele afeiçoara e o tempo e o uso recobriria de um verniz sebooso que lhe dera polimento e cor.  
As pernas, algo tropegas, ainda o ajudavam menos mal, por isso, embora claudicando, caminhava depressa em passos largos que nos admiravam.  
Era um tipo estranho!  
Curiosa coincidência, fora assim, tal e qual, que na minha imaginação de criança se delineara o vulto

sobrenatural do Judeu Errante quando, nas duas horas aliciantes dos serões, lhe ouvia contar e recontar a lenda!  
O homem chegara à aldeia num dia tormentoso, em que houvera chuva, trovoadas, relâmpagos e nem um pálido sorriso de sol. Anoitecia quando ele entrara na venda e pediu um copo de vinho, um pouco de pão e duas rodelas de chouriço, e mastigando devagar, de chapéu puxado para a testa, se encostara ao enxovalhado balcão.  
O taberneiro e os raros fregueses fitavam-no com a curiosidade hostil com que nos centros rurais se olham os desconhecidos, e em toda a parte os vagabundos.  
Foi depois de ter terminado a parca refeição e enquanto pagava, recontando uns cobres, dos quais a sua bolsa não parecia muito cheia, que o velho inquiriu: De quem é aquela casita, ali no monte, que ninguém habita?  
Houve um silêncio de espanto entre a assistência, que se entreolhou e, após essa breve pausa, o locandeiro respondeu: É do senhor da casa grande que se vê antes da curva da estrada. Caiu lá um dia um raio, ardeu parte da choupana, morreu um homem e um burro; desde então, dizem, que eu nunca vi, que nas noites de tempestade em que se houve o trovão, homem e burro vêm escoltando por aí abaixo e de manhã encontram-se-lhe as malfeitorias. É por isso que ninguém a quer.  
Histórias, rematou o desconhecido, encolhendo os débeis ombros, enquanto enrolava na mortalha o

Continua na 2.ª página

## ALELUIA!

Repiques de alegria! Aqueles sinos!  
De porta em porta vem Nosso Senhor:  
Ajoelham os velhos e meninos  
E beijam os seus pés com grande amor.

Cortam a vastidão formosos Hinos  
E o nosso Portugal sorri em flor!  
— Aleluia aos maus, aos assassinos,  
Aos crentes, aos ateus, ao luto, à dor! —

— Aleluia a tudo horrendo e lindo,  
Aleluia à terra, ao mar infindo,  
A' minha obra, a tudo que criei!

Aleluia à Cruz do meu Calvário! —  
(Mas de onde vem o Brado-Extraordinário?!)  
— E' a Voz do Homem Deus, do Cristo Rei.

Páscoa de 1958.

DELFIN DE GUIMARÃES.

## JESUS visita-nos!...

... Vai para dois mil anos... No cimo do alto Gólgota, entre dois ladrões, JESUS é crucificado, JESUS agoniza...

### ALELUIA!

Pum... pum... pum... stum!...  
E o povinho gosta, e as crianças riem...  
Riem as crianças e o povinho gosta, alegra-se vendo queimar o Judas... de papel — que, do arame suspenso, se vai bizarramente desarticulando em bombástica estoiraria, da mão pendente sempre a saca dos trinta-dinheiros...  
Pum... pum... pum... stum!...  
O povinho gosta, e as crianças riem...

Em nosso sereno cogitar, Judas Iscariote fôra apenas, apenas fôra um antipático **mas indispensável** personagem na cena do divino Drama... Sem ele Judas, sem seu perfidioso, denunciante beijo na alanceada face de Jesus, — talvez a Tragédia do Calvário não atingisse, como atingira, a sublimidade da Sublime Morte, e a humanidade não pudesse avaliar da Dor-Maior, da Maior-Dor da Mãe, nem do jubilante, eternal anunciar da luxuriante mas contrita Mada-

lena: — «JESUS é conosco, JESUS ressuscitou!»...

O povinho não perdôa, o povinho gosta de ver queimar o Iscariote... de papel.

E, afinal, e em verdade, o traidor, o bíblico Judas, tivera ainda, ainda tivera! a nobreza do arrependimento, a coragem de enforcar-se!...

Os outros, — e tantos por o mundo andam em carne-e-osso! —, esses são tão farsantes e tão farsantemente velhacos que até nem sequer arriscam uns sonégados cobres comprando a... iscariótica corda!...

### PÁSCOA!

Tlim... tlim..., tlim... tlim...  
Festivamente, alegremente vibram, em céu de Abril, os sinos, todos os sinos...

Da auroral, tranquila serra, à turbilhonante cidade, por todos os caminhos, mesmo invios, enfim por onde quer que Vida pulse — na alegria ou no sofrer —, neste dia JESUS passa!... na Divina Simbologia do Martírio: a CRUZ!

Júbilo nas almas, júbilo na Natureza: — «JESUS é conosco, JESUS ressuscitou!»...

Toda a gente, a gente toda veste galas... Toda a Terra, a Terra inteira se enflora! Por toda a parte o mudo hossana perfumantemente belo das flores, de todas as flores, — das mais singelas e humildes às mais gradas e pascoalinas: místicas açucenas, alvos lírios de candura, roxos lírios de martírio, perfumadas, doloridas violetas...

Tlim... tlim..., tlim... tlim...  
JESUS é conosco, JESUS visita-nos!...

Páscoa — 1958.

ALBERTO DE MACEDO.

## REGRESSO ALADO

*Ei-las que voltam ao beiral deserto  
Uma após outra, sem errar caminho,  
As mesmas andorinhas que, decerto,  
Neste mesmo beiral fizeram ninho.*

*A Primavera tarda, tempo incerto  
As nuvens atropela em torvelinho,  
Sem que do azul do céu, todo encoberto,  
Uma ponta de sol traga um carinho!*

*Mas eu corro a chamar, então, por elas,  
Tinha saudades já! Abro as janelas!  
Entra! Entra! Toda esta casa é vossa!*

*Agora, sim! Chegou a Primavera...  
Louvado seja Deus! Quem vos espera  
Só quando regressais é que remoça!...*

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

## BOAS FESTAS

*Deseja «NOTÍCIAS DE GUIMARÃES»  
a todos os seus leitores, amigos e colegas.  
Páscoa de 1958.*

## Epistolário Sentimental

Carlos Carneiro.

## Primavera

Minha Querida Amiga:

De repente, uma manhã, Paris apareceu de oiro e rosa. De repente as árvores que eram castanhas, dum castanho ferrujento,



apareceram doiradas também como num milagre! Aqui, as Estações são mais definidas, mais marcadas, mais positivas. O inverno é feito de frio inenso, de neve branca, de céu pardo, sempre pardo, sendo raro o sol; é verdadeiramente o Inverno. Agora, dum dia para o outro foi a Primavera que veio, nítida também, o céu deixou de ser pardo para nos aparecer azul claro, as tardes são dum violeta que só aqui se vê. Nunca em terra nenhuma do mundo eu vi céu desta cor, *mauve*, violeta claro, tudo violeta claro. As casas, as árvores, o céu! Comovo-me a olhar estes cais e as Tulherias dessa cor extraordinária!

Paris nestes dias de começo de Primavera tem qualquer coisa de jóia rara, de pedra preciosa, dessas espantosas pedras que se vêem nas montras das casas de antiguidades do *Faubourg de St. Honoré*. Eu *Continua na 2.ª página*

## O Ministro da Justiça

Visitou as obras do Palácio da Justiça nesta cidade

O Sr. Ministro da Justiça, Prof. Dr. Antunes Varela, esteve na quarta-feira em Guimarães, onde veio propositadamente para apreciar as obras de construção do Palácio da Justiça, e era acompanhado pelo seu Chefe de Gabinete sr. Dr. Manso Preto e pelo Director Geral dos Serviços Prisionais sr. Eng. José Guardado Lopes.

Foi recebido e cumprimentado por diversas individualidades, entre as quais pudemos registar os seguintes nomes:

Dr. António Abranches, governador civil do Distrito; dr. José Maria de Castro Ferreira, presidente da Câmara Municipal; engenheiro Duarte do Amaral, deputado; dr. Artur Loureiro, juiz de Direito; eng. António de Araújo Pi-



O Senhor Ministro da Justiça

neiro, vice-presidente da Câmara; vereadores dr. José Catanas Diogo, José Maria Pinto de Almeida e dr. Gonçalo Leite de Faria; comendador Alberto Pimenta Machado; dr. Fernando Aires, delegado da Ordem dos Advogados; dr. Manuel Francisco Pinto dos Santos, dr. Hugo de Almeida, dr. Rocha e Abreu e dr. Alberto Ribeiro Martins, advogados; dr. Américo Guerreiro e dr. Aurélio Boavida, respectivamente reitor e professor do Liceu; dr. Daniel Gomes de Sá, professor da Escola Industrial e Comercial; dr. Augusto Ferreira da Cunha e Alberto Vieira Braga, directores da Sociedade Martins Sarmento; dr. José Gonçalves, dr. Armando T. Faria, dr. Jorge da Costa Antunes, Sebastião Martins Cavalheiro, Sub-Chefe da Secção









